

ARGEL.

HISTORIA E CONQUISTA D'ARGEL.

1.º

A CONQUISTA mais importante dos nossos dias é a feita ultimamente em Africa pelos francezes. — A primeira desintelligencia entre o gabinete das Tulherias e a regencia d'Argel teve origem em assumptos mercantis, a que succederam reclamações cuja denegação obrigou a França a recorrer á força, começando por um bloqueio as hostilidades. Como esta medida não bastasse para modificar a politica de uma nação barbara, e a França lançasse mão de ameaças, a que responderam com insultos, foram estes castigados pelo poderoso exercito de uma nação tão pundonorosa quão affeita á guerra. A invasão, que no comêço só teve em mira a imposição de um castigo, tomou logo o character de occupação permanente, excitando nos francezes o desejo de alargarem os seus novos dominios, e de os povoarem, estabelecendo nelles uma colonia. Até agora havia receios sobre a sujeição de todo o paiz barbaresco; mas apoderando-se os francezes ha poucos tempos de Constantina — o mais poderoso apoio dos beduinos — completa ficou a conquista. Eis o que nos resolveu a dar uma noticia circunstanciada d'Argel sob o dominio dos mouros, e da sua conquista pelos francezes.

O estado d'Argel principiou a ser conhecido em 1516 quando os mouros, temendo cahir no dominio dos hespanhoes, chamaram em seu auxilio o famoso corsario turco Barbaroxa, que se apossou do paiz mediante a protecção do sultão de Constantinopola, a expensas do qual se havia feito a expedição; porem tal era a tyrannia d'aquelle renegado, que o povo levantando-se contra elle o assassinou, assim como a todos os turcos que comsigo trouxera. Apesar deste successo continuou o sultão a nomear bachás para o governo d'Argel até o principio do seculo passado, em que o commandante dos janisaros, Baba Ali Dey, lhe usurpou o governo. — Desde en-

tão o supremo mando do paiz coube á soldadesca, que elegia para Dey da regencia o mais ousado de entre elles sem attenção a sangue ou jerarchia. — Hussein, ultimo dey d'Argel, governava um territorio de 89:300 milhas quadradas com 2,500:000 habitantes repartidos pelas provincias d'Argel, Oran, Bona, Constantina, e por outras de menor monta. Uma nação limitada a roubar no mar para manter a escravidão na terra só offerece como assumpto para a sua historia os ataques das nações offendidas e a defeza por ella feita contra os aggressores. Em quanto a tratados, ocioso era celebra-los com quem os não cumpria. As potencias europeas duvidavam fazê-los com o sultão de Constantinopola por não ser este obedecido pelos argelinos, que zombavam das patentes de seguridade concedidas pelo grão-senhor. Tambem se não podia contratar com os deys, não só porque interessavam mais no roubo e numero dos christãos que os seus corsarios captivavam, como pela frequente mudança de taes governantes, pois sabido é que no momento em que algum delles tentasse violentar a inclinação dos seus subditos para a pirataria uma buida adaga lhe poria termo á existencia, sendo logo substituido por quem mais docil se mostrasse. Só restava appellar para as armas; porem estas tinham que luctar com o character desesperado dos piratas — com os elementos, e contra as vantagens que a localidade dava aos argelinos.

Os hespanhoes, no tempo do seu heroismo bellico, conquistaram Tunes — deram liberdade a 12:000 christãos captivos, e pondo, em 1535, uma guarnição no forte da Goleta deixaram os tunesinos na cidade (*). Em 1541 Carlos 5.º tentou, com um po-

(*) Nesta expedição se distinguu o nosso infante D. Luiz, filho d'elrei D. Manuel, capitaneando o famoso galeão, *Botafogo*, e a armada auxiliar, que destes reinos elrei D. João 3.º mandára ao imperador. A' resolução do infante se deveu o cortar-se a forte cadeia que fechava a entrada do porto da Goleta.

deroso exercito e uma forte armada, a conquista de Argel. Desembarcou, pôz assédio, e levantou castellos que ainda conservam o seu nome; porem antes de dar o assalto sobreveio tão horrivel tempestade que destruiu quinze navios de guerra, cento e quarenta transportes, e mais de oito mil homens. Passada a furia dos elementos ordenou elle o reembarque do seu exercito, voltando a Carthagená com o proposito firme de não tentar mais conquistas africanas para lá de Oran. Poucos annos depois o almirante inglez Blake bombardeou a povoação, unico meio de vingar os insultos feitos á bandeira britanica. Em 1683 o almirante francez Duquesne tambem bombardeou Argel, sem mais fructo que o de destruir metade da cidade. — Tres annos depois o marechal d'Estrées a reduziu a cinzas, ao passo que os barbaros assassinavam todos os francezes que habitavam em seus dominios, collocando o consul sobre um morteiro que dispararam contra as embarcações aggressoras. — Em 1775 enviou Carlos 3.^o uma expedição contra Argel de mais de 25:000 homens, commandada pelo general O'Reilly, o qual depois de desembarcar nas proximidades da capital teve que retirar-se á pressa e voltar a Hespanha com grande perda. Em 1816 soffreu a cidade outro terrivel bombardeamento, e a destruição do seu arsenal, por uma esquadra ingleza do commando de lord Exmouth, que deu liberdade a grande numero de captivos, quasi todos italianos. Mas estes castigos não cortavam o mal pela raiz; por quanto se libertavam as nações poderosas dos maleficios dos piratas, deixavam expostos aos seus insultos os pequenos estados que, ou haviam sustentar grande marinha para se opporem ás tropelias barbarescas, ou pagar-lhes tributos annuaes como fizeram muitas nações até o anno de 1830 em que o poder argelino desapareceu da terra. Antes de tratarmos deste memoravel evento, cumpre-nos descrever a cidade tal qual existia quando foi tomada pelos francezes.

Argel está situada na bahia deste nome, e era a parte mais rica da antiga Numidia. Os mouros a denominaram antigamente *Musquana*, dando-lhe depois o nome arabe *Al Jazeir*, do qual, por corrupção de termo, procede o que actualmente tem. O porto é mui aberto, e se acha exposto aos ventos mais fortes daquelles mares. Com tudo o fundo é grande e regular, e o ancoradouro excellento. O maior perigo que alli encontra uma embarcação não é o de ser arrojada á costa por a tempestade, mas o de ir a pique pelo abalo que as grandes ondas dão ás amarras.

O irmão de Barbaroxa construiu alli um dos maiores molhes de que ha noticia, formando um porto interior de ampla superficie. O molhe tem extraordinario fundo, e nelle trabalharam todos os captivos que durante muitos annos se fizeram.

Cérca a cidade uma muralha de onze varas d'alto e quatro ou cinco de largo: a base é de ladrilho, apparecendo de pedra na altura de uma vara acima do chão: — tem um fosso e seis portas. As ruas, á excepção da chamada de *Bab Azuna*, são mui irregulares e tortuosas. As casas são quadradas, com patios no meio, e corredores sustentados por columnas que transmittem luz aos aposentos na falta de janelas para as ruas que alli não ha. Os tectos são de ladrilho, e em geral assemelham-se as casas a muitas de Sevilha, e outras partes d'Hespanha, até no uso de as calcarem todos os annos. A differença consiste apenas em que aquellas teem janellas e varandas: — cousa que se não encontra nas dos mouros e demais povos mahometanos. Não ha em Argel praça alguma que mereça este nome. As mesquitas,

bem como as igrejas nos povos da christandade, são os principaes edificios, e tambem os quartéis chamados caserías, e os banhos ou massomras, nome de tanto horror para os captivos. O palacio do dey está situado em uma eminencia no centro da cidade: — é edificio assaz espaçoso, a que dá bastante elegancia uma fachada com duas grandes columnas. Na cidade ha bastante agua, e, alem das muitas fontes, cada casa tem o seu deposito della. — Entre as muitas baterias que defendem a cidade e porto, a mais admiravel é a do farol que está separado do molhe por um fosso com ponte de madeira. A cidade em 1830 continha 70:000 habitantes.

O terreno que fica nas costas da cidade, e que tem quinze leguas de comprimento e cinco ou seis de largura, é summamente aprasivel — vendo-se nelle casas de campo, e terras cultivadas de fertilidade quasi incrivel, devida em grande parte ao systema de irrigação. As fructas, taes como uvas, laranjas, melões e outras, são tão exquisitas como as melhores de Setubal ou Collares; e tem colheitas de trigo, cevada, milho, arroz e azeite mui abundantes. O modo de lavrar, semear e ceifar é inteiramente igual ao que se pratica em Portugal e Hespanha. A agricultura só a exercem os mouros e parte dos habitantes d'Argel e seu districto; existindo apenas uns 3:000 *osmanlis* ou descendentes dos turcos, em cujas mãos estava todo o poder, milicia, marinha e pirateria; sendo igual o numero dos judeus que se empregavam exclusivamente no commercio. O numero de europeus alli estabelecido era assaz diminuto e quasi todos francezes; exercitando estes, em todos os tempos, um commercio de exportação importantissimo, por isso que a experiencia lhes ensinára quando, aonde, e de quem convinha tirar partido.

Tendo dado breve noticia da historia, governo e povo d'Argel, passaremos em outro artigo a tratar da transformação desta nação barbara em colonia civilisada.

(Concluir-se-ha.)

REGUENGOS E MONSARAZ.

2.^o

Mas tornando ao nosso velho cabo d'esquadra dos Reguengos, deixemo-lo gozar em paz as doces recordações de suas campanhas. A par delle, que todo vive nas recordações do passado, anda outro que vive todo nas esperanças do futuro. É um velho sebastianista, verdadeiro crente nas trovas do Bandarra, que sabe melhor que o padre nosso, e em que tem mais fé que no evangelho. Apesar dos frequentes erros de conta, em que sempre está cahindo, quando determina a vinda do seu desejado encuberto, por elle designado pela antonomasia do *velhinho*, vai sempre por diante com sua teima, que já agora só terá fim quando lhe faltar a vida.

Apoz deste cabe-nos fallar de um notavel cego e surdo. Terá uns quarenta annos. Este desgraçado, que sempre foi defeituoso de ouvido, está ha muitos annos completamente privado deste sentido; e igual desastre lhe aconteceu com o da vista. Parece condemnado a viver solitario e incommunicavel no centro da sociedade. Mas, quem tal dirá! Tem noticia de tudo quanto se passa na villa e fóra della, e quasi sempre é um dos primeiros em saber as novidades. — Aprendeu quando creança alguns rudimentos da leitura, que agora lhe serviram para comprehender certo alphabeto de toques convencionaes nas mãos; e por este meio sustenta longas conversações, mórmente com as pessoas mais afeitas a trata-lo. —

Contaram-nos que muito lhe custou a perceber o que fosse guarda municipal; mas por ultimo conseguiu distingui-la das milicias, dos voluntarios, e da guarda nacional com que ao principio a confundia.

Encontrámos por ultimo uma mulher mutilada de braços e pernas. O braço direito chega até uma pollegada abaixo do cotovello: o esquerdo está inteiro, mas a mão é privada de todos os dedos, á excepção do pollegar, que para ainda não ser completo é destituido de unha. E esta mulher, com taes braços e com tal mão, dobava com a maior agilidade um novello de fio de laã; e pessoas, que de perto a conhecem, nos informaram que executa muitos outros serviços incluindo o da costura. — Nas pernas soffre quasi similhante mutilação. Disse-nos que nascêra sádia, mas por desastre, de que se não lembra por ser de mui tenra idade, ficára assim mutilada.

Se na villa de Reguengos não apparecem, como dissemos, monumentos da antiguidade, nas suas visinhanças alguns se teem achado. — A um quarto de legua de distancia, na herdade chamada da Azinheira, junto ao monte, ou casa da mesma herdade, appareceu no inverno de 1837, enterrado em alguma profundidade, um grande tumulo de marmore, cujo aspecto indica ser obra da idade média. — Na frente longitudinal tem lavradas em relevo varias figuras com a disposição que vamos descrever. No centro um círculo de pouco mais de palmo de diametro, e dentro d'elle um busto, que parece de mulher. Este círculo figura ser sustentado por dois anjos, um de cada banda; e entre os anjos, e por baixo do círculo, vê-se uma junta de bois jungida, trabalhando dirigida por um lavrador. Para um e outro lado vão successiva e symmetricamente correspondendo-se varias figuras. As primeiras de cada lado parecem segurar na mão um osso de perna humana. As seguintes figuram ter emblemas de agricultura; e entre estas, um pouco mais abaixo, tambem em logares correspondentes de cada lado, uma com um dragão, outra com uma bicha de duas cabeças. Não apparecem nem os cachorros, sobre que devêra assentar o tumulo, nem a tampa correspondente, a qual, se a houermos de imaginar pelas dos outros tumulos contemporaneos, devia de ser das que representam sobre si, em posição horisontal, a estatua do finado. — Como na grossura destas tampas é que costumam achar-se os lettreiros e epitaphios, a falta desta nos priva de podermos saber cousa alguma ácerca da pessoa a quem o tumulo pertenceu, e da epocha certa em que foi fabricado. — Estava comtudo o tumulo, quando foi descoberto, tapado com um marmore delgado, que facilmente se despedaçou. Dentro conservava ainda alguns ossos, que se não guardaram. — Pareceu-nos este tumulo recommendavel, assim pelo primor da esculptura do relevo, como por um certo ar meio pagão e meio christão que as suas figuras affectam.

De Reguengos a Monsaraz vão duas leguas de caminho, pela maior parte plano, e em partes levemente escabroso. Está Monsaraz situada no elevado cume d'uma montanha, por partes innaccessivel e de mui difficil accesso ainda mesmo pelas estradas frequentadas. A villa é murada, mas de fóra dos muros ha um arrabalde contiguo e continuado á villa. Os muros estão muito damnificados; e o castello, fundação d'elrei D. Diniz, conserva só as torres e muralhas, porque tudo quanto eram edificios interiores estão completamente demolidos. Com tudo é tal a posição desta villa, que ainda assim mesmo é defensavel; e nos ultimos tempos do governo usurpador foi um ponto occupado na linha de defeza da margem direita do Guadiana, e chegaram a ter uso

algumas peças de artilheria de grosso calibre que por lá estão hoje desmontadas e abandonadas.

Entrámos pela porta chamada da Villa. Ha sobre ella uma lapida em que lêmos: —

*Æternitati sacr.
Immaculatissimæ
Conceptioni Mariæ
Joan. IV. Portugall. Rex
Unà cum generalibus comitiis
Se et regna sua
Sub annuo censu tributaria
Publice vovit.
&c. &c. &c. (*)*

O mais não o pudémos lêr, já pela miudeza das letras, já por estarem em parte consummadas e gastadas, já finalmente pelos poucos momentos de que podiamos dispôr.

Reflectindo quão curta foi para esta lapida a eternidade, a que aspirava, fomos entrando na villa. O seu aspecto nos trouxe á memoria aquelles versos de um nosso poeta quando disse: —

Só ermas ruas, só desertas praças
A recente Carthago lhe appresenta;
que podiam parodiar-se assim: —

Só ermas ruas, só desertas praças
A velha Monsaraz nos appresenta:

porque em verdade parece que um ramo de peste, ou a invasão do inimigo affugentou daquella terra os habitantes. Tanto é o numero de casas desertas que por alli se encontra!

Na villa não ha outra agua alem da que está em deposito n'uma grande cisterna. É esta uma especie de casa de abobada com porta para a rua. Na porta começa uma grande escadaria por onde se desce até ao fundo do pavimento. — Diz o povo por antiga tradição que aquella casa fóra mesquita mourisca. Os moradores vão prover-se de boa agua ao fundo da montanha, aonde ha uma abundante fonte, na aldeia chamada do Outeiro.

Foi Monsaraz terra de juiz de fóra; e em rendimentos municipaes um dos mais ricos concelhos do reino. Estes rendimentos, provenientes de grandes baldios, são hoje menos avultados, posto que ainda de bastante consideração.

Teve dentro da villa tres freguezias, que hoje se acham reduzidas a uma só na igreja matriz da invocação de St.^a Maria da Alagôa. Está reformada esta igreja em tempos modernos; é espaçosa e tem tres naves, a cada uma das quaes corresponde uma porta. Entre a porta central e a da parte da epistola está dentro da igreja um grande tumulo de pedra. Pertenceu antigamente a capella particular, que se desfez com o novo arranjo da igreja. É de marmore, assenta sobre tres leões do mesmo, com uma grande tampa, sobre a qual está esculpida horisontalmente a estatua de um homem com espada cingida. — A seus pés está deitado um cão, hoje decapitado. O tumulo tem duas faces lavradas. Na face longitudinal haverá umas quatorze figuras de santos. Na outra face, que corresponde aos pés do finado, está representado um cavalleiro com um falcão em punho e outro já solto voando em direcção a uma arvore em que se veem pousadas duas aves. Por terra partem dois cães correndo para a mesma arvore. — Na grossura da borda da tampa está em letras alemaãs maiusculas este lettreiro: —

(*) Consagrado á eternidade. — João 4.^o, rei de Portugal, juntamente com as côrtes geraes publicamente se votou e ao seu reino tributarios por censo annual á Immaculatissima Conceição da Virgem Maria. &c. &c.

Aqui jaz Tomaz Martins, vassallo d'ElRey, filho de Martim Silvestre, o qual Tomaz Martins

e assim acaba sem haver vestigio de mais alguma letra.

No chão junto ao tumulo está assentada uma pequena pedra, que terá dois palmos de comprido e um de largo, com lettras da mesma fórma das acima ditas, e sem duvida abertas pela mesma mão; e dizem: —

Aqui jaz Martim Silvestre, homem boon, e fez muito ben em esta hobra, e passou vj dias d'abril era mcccclxxj annos. Tomaz Martins, seu filho, mandou fazer esta Capella.

Defronte da igreja de St.^a Maria está a pequena igreja da Misericordia. Nada mais notámos nella alem de dois paineis em madeira da antiga eschola gothica dos nossos pintores portuguezes. Estão já bastante damnificados.

Daqui fomos ao castello. Depois de termos atravessado alguns precipicios chegámos ás arceias da torre da menagem. A tarde estava bella como costumam ser as dos bons dias d'inverno da nossa terra. A vista do extenso e lindissimo horisonte que do alto da torre descobrimos, démos por bem pagos os incommodos que para lá chegar tivemos de passar. Por entre um paiz variadamente ondulado se avistam Evora, Evora-Monte, Estremoz, a serra d'Ossa, Elvas com o seu famoso forte da Graça, Olivença, a rica Olivença, outr'ora portugueza, e ainda hoje povoada de portuguezes subditos do reino de Castella, Villa Nova del Fresno, Alconchel, Mourão, e um grandissimo numero d'outras menores povoações. — De NE. a SO. vai correndo o Guadiana cujas aguas se occultam na fundura dos valles. —

O desejo de visitar no seu leito este famoso rio, a quem podémos chamar o Douro do sul, nos fez deixar tão agradável espectaculo. Descemos a montanha de Monsaraz para a parte do Guadiana, que não dista dalli mais de meia legua. Logo no fundo da montanha nos fica á esquerda a ermidasinha, cuja capella-mór, de forte muralha oitavada, se diz ter sido templo romano. Mais á esquerda um tiro de balla avistámos o convento da Orada, que foi de religiosos Agostinhos descalços, vulgarmente conhecidos pelo nome de Grilos. Em breve nos achámos sobre as margens do Guadiana, que nesta occasião com suas aguas elevadas formava de cada moinho [e tem muitos] uma pequena ilha. Uma barca solitaria, regida por um só remeiro, servia como de ponte ambulante a estas ilhas temporarias. — Tão apertada vai aqui entre as montanhas a corrente do Guadiana, que em suas grandes enchentes se eleva a uma altura que assombra a imaginação. — No meio destas distracções nos veio achar a noite; e como nada mais podémos ver, tambem nada mais temos que contar.

J. H. da C. R.

QUANDO me ponho a considerar na illimitada actividade do nosso espirito, na lembrança que temos das cousas passadas, na prevenção com que cuidámos das futuras; quando reflexiono sobre as nobres descobertas e amplos melhoramentos, mediante os quaes o entendimento humano tem adiantado as artes e as sciencias, inteiramente me persuado, sem admittir a menor duvida, de que o nosso natural, que em si comprehende um thesouro de tão excellentes cousas, não pôde por fórma alguma ser absolutamente mortal. — XENOPHONTE, philosopho e historiador grego, que escreveu quatro seculos antes da era christã.

LINGUA FRANCEZA.

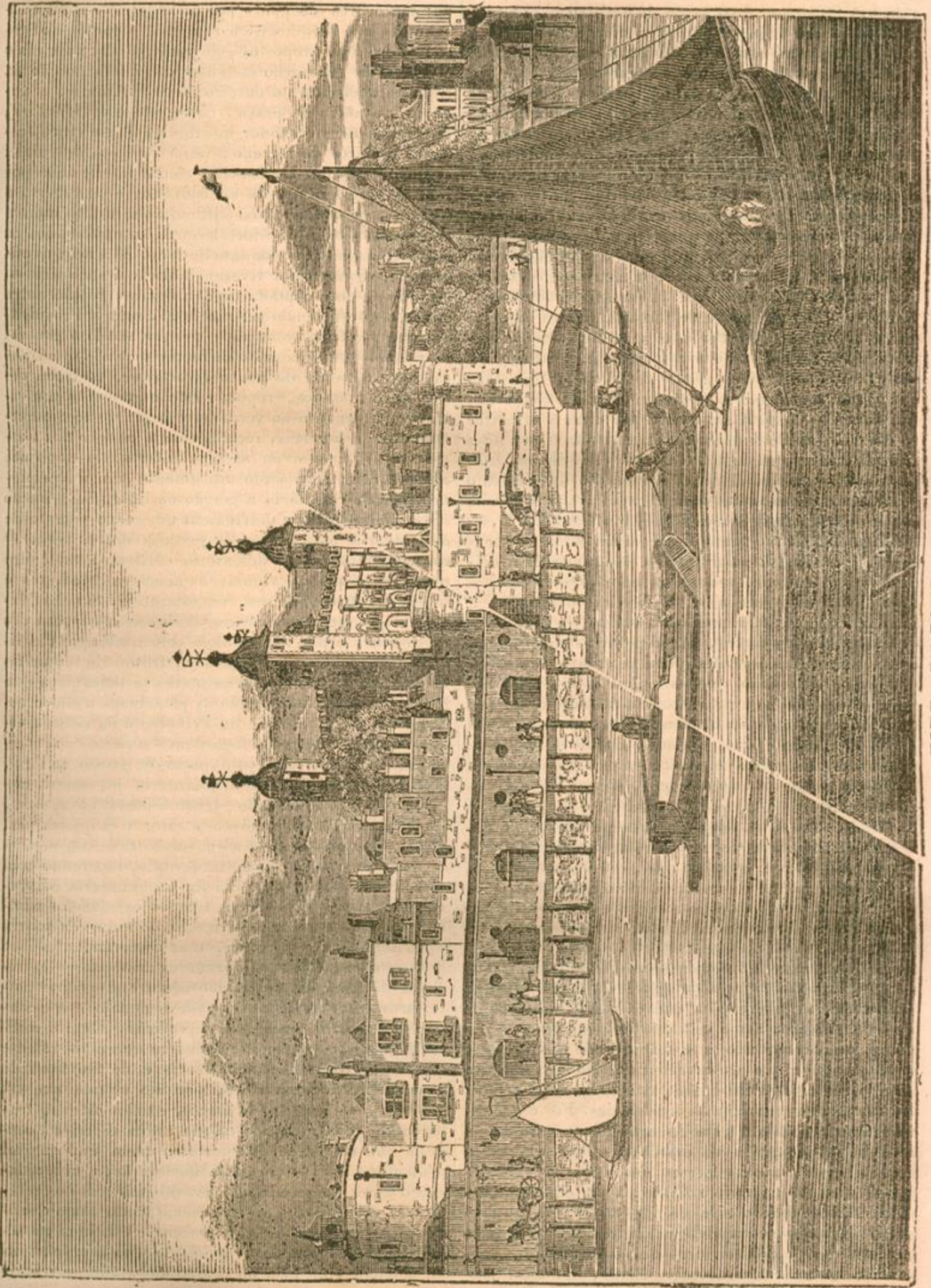
PARCE que no seculo 13.^o os italianos reputavam o idioma francez mais classico que a sua propria lingua; de um manuscripto descoberto ha pouco tempo vê-se que Brunetto Latini, o mestre do Dante, compoz originariamente o seu livro, intitulado o *Theouso*, em francez, declarando em formaes palavras que *escrevia nessa lingua, por ser a mais clara e elegante*. O nosso Fr. Luiz de Sousa referindo-se ao seculo 14.^o diz, que então *era a lingua franceza estimada e corrente entre os principes por cortezaã e polida*.

A TORRE DE LONDRES.

É ESTE um dos notaveis edificios, e ao mesmo tempo dos mais antigos da capital da Graã-Bretanha. Referem os historiadores, segundo as mais authenticas memorias, que esta fortaleza celebre fôra erecta por Guilherme o conquistador, em 1076, para segurar a retirada das suas tropas, no caso que as anglo-saxonias o obrigassem a largar o terreno que á força aberta invadira e ganhára. Comprovam esta rasão da sua origem, a sua localidade, extensão, e comunicação com o Tamisa, por onde pôde ser supprida com gente, viveres e munições de guerra. Posteriormente serviu de palacio real, onde residiram, todavia em epochas remotas, alguns dos monarchas inglezes, o que fez progressivamente augmentar dentro do recinto amuralhado a casaria, por maneira que parece hoje mais uma villa povoada do que uma cidadella e prisão d'estado, como o é na realidade. Jaz ao oriente de Londres, obra de 800 jardas da ponte denominada da mesma cidade (*London Bridge*), e ao norte do rio Tamisa, de que é separada por um estreito fosso e conveniente cáes, com o qual se communica por uma ponte levadiça para o embarque e desembarque dos objectos necessarios. Sobre o cáes ha uma vasta plataforma com 60 peças d'artilleria: salvam nos dias de gala ou de publico regozijo. Parallelo ao cáes dentro das muralhas ha outra plataforma de 70 jardas de comprido, chamada "*Ladies' line*" isto é uma especie de passeio das senhoras, que o frequentam muito durante o verão, porque interiormente é sombreado por copadas alamedas, e pela banda de fóra se goza mui agradável prospecto da incessante navegação do rio. A entrada para a torre é por quatro portas ao occidente, mas umas seguidas em linha recta apoz as outras para dentro da praça; passada a terceira atravessa-se uma bem construida ponte de pedra, lançada sobre o fosso da quarta, que é a principal, e a mais fortalecida: o abrir e fechar desta porta, pela manhaã e á noite, faz-se com longo ceremonial até o presente conservado, e na admissão d'um estrangeiro que a vá visitar executam-se minuciosas formalidades, apesar de lhe custar isso alguns vintens, porque em Inglaterra nada se vê de graça.

A torre não é afamada tanto pela sua antiguidade, vastidão, e importancia relativamente á capital, como por ser um precioso deposito de mui rara e completa collecção de trophéus militares, armaduras de todas as idades, e outros singulares monumentos da arte militar, muitos dos quaes são historicos para os cidadãos da Graã-Bretanha: para não mencionar-mos outros, o que seria ocioso em assumpto estranho, commemoraremos os despojos da *invenível armada*, com que o orgulho hespanhol se persuadiu que podia subjugar a Inglaterra (*).

(*) Vid. a pag. 262 do 3.^o vol.



A TORRE DE LONDRES,

OS CERCOS DA PRAÇA D'ELVAS.

(Conclusão.)

A 15 DE Outubro tinham os castelhanos passado o Caia na nossa fronteira; gastaram os cinco dias im-

mediatos em reconhecer o paiz e tomar as pequenas e mal guarnecidas povoações de St.^a Eulalia e Villa-Boim; no dia 22 ao amanhecer se apoderaram por surpresa do Convento de S. Francisco, fronteiro á porta da esquina d'Elvas, aprisionando a companhia d'infanteria, que alli encontraram; no mou-

te em que o mesmo convento está edificado levantaram um forte com duas peças de artilheria, que logo começaram a jogar contra a cidade: ao mesmo tempo cercaram com outro forte a ermida da Sr.^a da Graça, então existente na corôa do monte da mesma denominação, e dahi laboravam com outras duas peças que só offendiam os telhados da casaria d'Elvas: na plataforma, pouco abaixo do cume do mesmo monte, assentaram depois dois morteiros, que muito inquietaram os defensores, especialmente os doentes e feridos, por falta d'abrigo contra os estragos das bombas. Apenas terminadas estas obras, deram principio a quatro quarteis, que se estendiam desde o sitio da *Vergada*, que olha a Campo-Maior, até a *Mesa d'Elrei*, na estrada d'Estremoz, os quaes com os fortes das eminencias já mencionadas, cerravam o cordão, composto de fortins, unidos entre si por meio de cortinas. Por estes aquartelamentos distribuiu D. Luiz d'Haro a infantaria e cavallaria de seu exercito, ficando o grosso desta no 3.^o quartel, que tinha o começo na estrada de Villa-Boim e o fim na *Mesa d'Elrei*, por ser a parte mais suspeitosa em rasão do desembaraço da campanha e por ficar fronteiro ás praças de Estremoz e Villa-viçosa. Atentas estas particularidades conhecerão os leitores o quanto então se sabia da arte militar, e que não era a victoria facil contra inimigos adestrados.

Como D. Luiz d'Haro tinha conhecimento do contagio, que reinava na praça e a suppunha desprovida de mantimentos, reduziu as operações do cerco a aperfeiçoar e cerrar a linha de circumvallação, a incommodar os defensores com o fogo da artilheria que assestára nos fortes, e a repellir as continuadas e bem succedidas sortidas que a cavallaria dos sitiados fazia, esperando que as molestias e a fome lhe poriam nas mãos a praça com menos custo do que dirigindo contra ella os competentes *aproches*. Tal era o estado do cerco, quando, depois de vencidas as maiores difficuldades, se acabou de organizar em Estremoz o exercito de socorro, o qual commandado pelo illustre conde de Cantanhede, 1.^o marquez de Marialva, sabiu daquella villa no dia 11 de Janeiro de 1659, levando na sua retaguarda 2:000 cargas de munhões e mantimentos, e 2:000 cabeças de gado, para, a ser possivel, se introduzirem na praça. Nos 2.^o e 3.^o dias de marcha uniram-se-lhes as guarnições da Juromenha, Borba, Villa-viçosa, Campo-Maior, Arronches e Monforte, o que fez subir a força do exercito a 8:000 homens d'infanteria, 2:900 de cavallaria, e 7 peças de artilheria de campanha, com todas as prevenções convenientes, advertindo que da primeira arma só 2:500 homens eram soldados pagos, compondo-se o restante de auxiliares e ordenanças, e que da cavallaria 2:500 cavalgavam cavallos, e os 400 em eguas, que todas estas e muitos cavallos pertenciam ás caudelarias. Foi o exercito acampar no dia 11 em Alcaraviça; no dia 12 ao amanhecer proseguiu na marcha, e logo que sahiu da *Atalaya dos matos* formou em batalha, indo alçar-se uma legua mais adiante, onde chamam *Rebôla*. Ao romper d'alva do dia 13 poz-se de novo em movimento, occupando primeiramente o alto da *Atalaya dos Sapateiros*, e depois as collinas da *Assomada*, das quaes se descobre Elvas, vendo-se portanto as dilatadas linhas dos castelhanos. Então o general, conde de Cantanhede, para fazer certa aos contrarios a sua chegada, mandou disparar a artilheria que levava, ao que da praça e forte de St.^a Luzia corresponderam com repetidas salvas. Dalli passou o exercito a aquartelar-se no sitio da *Amoreira*, visinho aos *Murtaes*. Antes de sabir d'Estremoz, tinha o conde de Cantanhede mandado pedir

a D. Sancho Manuel, 1.^o conde de Villa-flor, a sua opinião ácerca do ponto por onde julgava mais conveniente que se atacasse e rompesse o cordão do cerco: e dos dois propostos pelo conselho dos primeiros officiaes da guarnição escolheu o conde a porção da linha estabelecida no outeiro de St.^o Amaro, a pequena distancia da praça, entre esta e os *Murtaes*, ordenando ao governador que lhe mandasse cinco soldados praticos do terreno, para servirem de guias: assim o executou D. Sancho, com a infelicidade porrem de que foram estes aprisionados e descoberto o segredo, de que resultou difficultrar-se muito mais a empreza, alteando e fortalecendo os castelhanos os entrincheiramentos por aquelle lado. Mas nem o conde nem o governador tiveram noticia deste successo, estando já interceptada toda a communicação entre elles; o que podendo ser-nos fatal, quiz a Providencia que nos fosse vantajoso: porque vendo o general hespanhol que o exercito de socorro se alojava francamente defronte do ponto de ataque, indicado pelos cinco soldados, reputou este movimento um estratagemma quanto ao verdadeiro logar do accommettimento, e por isso, reconhecida a posição das nossas tropas, conservou as suas distribuidas como até alli estavam, reforçando unicamente com um pequeno troço de cavallaria a porção da linha fronteira ao nosso alojamento, e destinando um corpo volante de 500 cavallos para obstar ás sortidas dos sitiados. O contagio reduzira os defensores d'Elvas a tal apuro que apenas podiam tomar as armas mil infantes e montar 160 cavalleiros, entretanto D. Sancho Manuel, que segundo dissemos ignorava a captura dos cinco guias e por isso contava com o ataque das linhas pelo ponto supra indicado, tratou de tomar no mesmo dia 13 as disposições mais acertadas para que fosse bem succedido, sendo as principaes mandar assestar no meio baluarte do Principe e na cortina esquerda adjacente, cujo fogo ficava superior ao outeiro de St.^o Amaro, vinte peças de grosso calibre, postar um forte piquete d'infanteria na estrada cuberta que fica desse lado, junto á porta da esquina, e ter a cavallaria prompta a sabir á primeira voz. Determinado isto, toda a guarnição se entregou nessa noite a actos de fervorosa devoção, esperando com viva fé que no seguinte dia lhe amanheceria o livramento: ainda nesses bons tempos os soldados combatiam com o dobrado estimulo do amor da patria e do sentimento religioso, e os commandantes lhes davam o exemplo: não eram os acampamentos eschola de tamanha devassidão como em epochas posteriores notaram os povos com escandalo dos costumes e horror da mais nobre profissão. Deve o militar persuadir-se que lhe incumbe ser mais valente que os outros seus compatriotas e de tão honrado procedimento como elles, por isso mesmo que sob sua tutela estão postos os fracos, e todos os que, trabalhando para mante-lo na sua ardua carreira, confiam que no braço do guerreiro teem um natural protector. A continencia, a moderação, a urbanidade, o amor do proximo, louvaveis em todos os estados da vida, nunca resplandecem tanto como quando se ligam com o ardor marcial. Um homem revestido destas virtudes, depois do vencimento, tendo pelejado com brio no campo da batalha, é o mortal mais digno da estimação do ajuntamento d'individuos, a que chamamos sociedade humana.

Despontou o sol no horisonte, aos 14 de Janeiro de 1659, obscurecido com denso nevoeiro, que retardou o principio das operações militares. As partidas de castelhanos que foram reconhecer o exercito auxiliar, não lhe vendo disposições de atacar, ficaram capacitados de que não seria aquelle dia o da

lucta das armas: pelo que o seu general recolheu a tropa que de noite guardára as porções da linha comprehendidas entre os fortins, deixando só nestes as indispensaveis guarnições. Mas apenas tinham retirado, seriam oito horas da manhã, descobriu-se o sol; e como todas as prevenções dos nossos haviam sido tomadas em a noite antecedente, e o exercito de soccorro ficára formado na ordem em que marchára, que era a de investir, tocou-se a chamada, e pegando a tropa em armas, depois de um breve, mas energico discurso do conde de Cantanhede, começou o ataque ás linhas hespanholas. Preciosas são as particularidades de tão memoravel feito, e por isso concisamente as mencionaremos. A formatura do nosso exercito era a seguinte: marchava na frente um corpo da vanguarda; seguia-se um corpo de batalha composto de duas linhas, e na retaguarda destas a reserva. A vanguarda constava de 1:000 infantes escolhidos em todos os *terços* [especie de batalhões], armados de mosquetes, pistolas, partazanas, espadas e rodellas, levando os mosqueteiros feixes de faxina para cegar o fosso. A primeira linha do corpo de batalha compunha-se de 3:000 infantes e 1:200 cavallos; a segunda de 2:000 infantes e 900 cavallos, collocada a cavallaria nos flancos da infantaria: a reserva consistia em 2.000 infantes e 800 cavallos, esta força de cavallaria era tambem destinada a segurar as bagagens: a artilheria tomou posição em uma eminencia que descubria o logar do ataque, e dahi laborou com grande prejuizo dos castelhanos. Apenas o exercito se poz em marcha mandou D. Sancho, governador d'Elvas, partir para o ribeiro Ceto a tropa que nessa noite ficára junto á porta da esquina, para cooperar com os auxiliares, como fosse conveniente: no outeiro de St.^o Amaro tinha postado alguns homens de cavallo e 50 espingardeiros, cujo commandante tinha ordem de operar segundo a necessidade ou a occasião o permittisse; pelo que se foi encorporar com a gente que sahira para o Ceto.

Avisado por estes movimentos o cabo hespanhol, D. Luiz de Haro, de que effectivamente a linha ia ser atacada pelo outeiro de St.^o Amaro, montou a cavallo e mandou reforçar aquelle posto; e subiu depois ao monte de N.^a S.^a da Graça para observar melhor o que se passava. A tropa da vanguarda do nosso exercito lançou as faxinas no fosso, e começou a desmoronar os parapeitos, tendo acudido ao sitio neste intervallo alguma gente castelhana, mas em desordem; os nossos soldados desmantelavam e abriam brechas com as ferramentas de que iam prevenidos, protegendo-os efficaçmente o vivo fogo da artilheria da praça, e alguns pelotões de mosqueteiros que disparavam contínuas descargas contra os castelhanos, que defendiam as linhas, e que deste modo se acharam exactamente mettidos entre dois fogos. Em breve chegou a primeira linha do corpo de batalha, que continuou a mesma operação em toda a extensão dos entrincheiramentos onde podia chegar. Pouco tardou que as nossas tropas investidoras se formassem dentro das linhas inimigas; e a esse tempo os quinhentos cavallos destinados pelo hespanhol a evitar as sortidas da praça, vindo do caminho de Campo-Maior, onde pernoitaram, quizeram romper os nossos; mas acudindo a cavallaria dos sitiados, postada junto ao Ceto, ainda que muito inferior em força numerica, rebateu a audacia dos contrarios e os poz em vergonhosa fuga, perseguindo-os muito alem do monte da Graça por onde tinham descido. Começaram os soldados portuguezes a acclamar a victoria. Um grande troço de cavallaria inimiga, expedido do quartel da Vergada, fez reunir

os seus fugitivos, e carregou a nossa pequena força igualmente de cavallaria, mas esta sustentou-se valorosamente por largo tempo, retirando depois em boa ordem para o referido monte da Graça, onde a soccorreu a cavallaria do nosso corpo de batalha, que fez voltar a cara aos castelhanos, acossando-os até o seu quartel de Vergada, e recolhendo sempre na ordem de batalha do exercito. A infantaria portugueza foi successivamente desalojando o inimigo de suas linhas, tomando-lhes os fortins, não sem grande resistencia dos defensores, e não podendo vencer dois delles, que só se renderam no dia immediato, sendo deste numero o que occupava o monte da Senhora da Graça.

Assim que o nosso exercito rompeu as linhas, D. Luiz d'Haro, o soberbo conde-duque, julgando perdida a acção, fugira para Badajoz, seguido pouco depois pelo mestre de campo general, posto correspondente aos chefes d'estado-maior dos corpos de exercito modernos, e assim o imitaram muitos dos principaes cabos, que com elle vieram: a consequencia foi que os soldados castelhanos, debandando por toda a parte, experimentaram nesta batalha uma das maiores perdas que os seus exercitos soffreram. Com effeito mandando D. Luiz de Haro passar mostra em Badajoz ao resto do exercito sitiante, dos 14:000 infantes e 3:500 cavallos, que numerava em suas fileiras antes da batalha, achou apenas 5.000 d'infanteria e 1:300 de cavallaria. Nesta heroica facção tomámos acima de cinco mil prisioneiros, alem de 600 feridos que ficaram em nosso poder: tomámos toda a artilheria do sitio, a saber, dezeseite peças de diferentes calibres, tres morteiros e cinco petardos, 15:000 armas, muitas bandeiras, munições e mantimentos. A nossa perda foi de 26 officiaes e 177 soldados mortos, e de 65 officiaes, 32 sargentos e 600 soldados feridos, tendo para lamentar em o numero dos mortos o insigne varão, André de Albuquerque, mestre de campo general do exercito de soccorro, um dos militares mais distinctos por sua intrepidez e intelligencia. Assim alcançaram as armas portuguezas novos louros e tropheus contra inimigo poderoso; as historias proprias e estranhas consignaram o successo na serie de seus annaes, e não sabemos porque algumas das *folhinhas*, ou annuarios ecclesiasticos e civis deixam de commemorar um dia que se póde appellidar um dos gloriosos brasões do valor portuguez.

Se os nossos leitores, dados á lição da historia patria, reconhecerem em a compendiada narração, que lhe apresentámos, o que já terão visto nos grossos volumes do benemerito conde da Ericeira e em outros livros contemporaneos, confessarão que fomos fieis e nada exaggerados; mas convem saber que existem documentos de grande parte desses successos, por onde se póde liquidar a verdade dos factos, resultando do maduro exame dos mesmos maior brilho para esta nossa patria, que em sua limitada extensão, em oito seculos de existencia offerece grandes modelos ás nações mais cultas do mundo. Não a menoscabem filhos que os alheios a respeitirão!

Desçamos porem a tempos mais visinhos dos nossos; veremos que a cidade d'Elvas, como chave do Alemtejo e praça forte, era o primeiro alvo dos acontecimentos inimigos. A diuturna guerra dos sitios era o objecto que nessa epocha constituia a parte principal d'um plano de campanha. Hoje a tactica moderna geralmente põe os peitos dos soldados, como muralhas, e na rapidez e destra combinação das marchas faz consistir a parte essencial d'uma defeza: comtudo as praças fortes não podem nem devem ser desprezadas. As circumstancias d'uma guer-

ra variam; mas não póde alterar-se o systema da linha de defensão, que em seus recintos fortificados presta guarida aos povos, fecha ao inimigo a possibilidade de uma retirada, e não o deixa, por assim dizer, senhor senão do terreno que pisa. Elvas foi e continuará a ser uma salvaguarda das nossas provincias do sul, e talvez da capital da monarchia. —

Na tarde de 14 d'Abril de 1706, quando o nosso exercito, commandado pelo marquez das Minas, sitiava e tomava aos hespanhoes Valença d'Alcantara, discutindo-se a successão da corôa hespanhola pelo não equívoco pleito das armas (*) vieram de Badajoz tropas castelhanas e francezas acampar a tiro largo de artilheria defronte da porta de S. Vicente d'Elvas, ganhando alguns outeiros, em um dos quaes, sem mais approxes estabeleceram uma bateria de seis morteiros, donde principiaram a bombear a praça, perto da noite; porem com mau successo, porque logo se lhe arruinou um morteiro e a maior parte das bombas rebentavam no ar. Continuaram o bombardeamento por toda a noite, e pela madrugada do dia lhe ficaram impossibilitados mais dois morteiros. A praça respondeu com vivo fogo, e contra a bateria sitiante se abriram duas novas, mantidas activamente pelos defensores, uma das quaes lançava bombas, e a outra granadas reaes. Assim proseguiu a luta d'ambas as partes até o meio-dia, sem que as nossas bombas deixassem de se empregar no alvo a que se dirigiam, de fórma que o inimigo começou a desistir do ataque, e a final retirou com precipitação deixando no campo ferramentas e varias munições de guerra. Nesta tentativa perderam os aggressores alguma gente, e na praça não houve outro damno alem d'algumas pessoas contusas e os prejuizos que algumas casas soffreram.

Quasi seis annos depois, a 5 de Junho de 1711, tendo-se já retirado os castelhanos da provincia de Alemtejo, onde fizeram algumas correrias, voltaram novamente de Badajoz a Elvas com grande força de gente, e havendo lançado algumas bombas contra a praça, mas com pouco effeito, retiraram-se por terem noticia de que o conde de Villa-verde, que commandava o nosso exercito e com elle estava em Zafra, na Estremadura hespanhola, lhes vinha sahir ao encontro se offerecessem batalha, ou desaloja-los se teimassem a inquietar Elvas, ainda que as apparencias não inculcavam um cerco regular. Finalmente nos ultimos dias do mez de Setembro do mesmo anno, o exercito de Castella ás ordens do marquez de Bay, ainda outra vez se affoutou contra Elvas, com a força de 8:000 cavallos, 10:000 infantes e 3:000 gastadores com 22 peças de campanha e 11 morteiros. Elvas só tinha de guarnição 1:200 infantes e 200 cavallos, accrescendo pouco depois os regimentos de infantaria de Moura e Serpa, que sobrevieram de soccorro: porem o inimigo, reconhecidas bem as fortificações da cidade, levantou o campo e foi pôr cerco a Campo-maior. Esta praça resistiu-lhe por 37 dias, sendo 28 delles de trincheira aberta, nos quaes os sitiantes dispararam contra ella 10:370 balas, 1306 bombas, 350 tiros de pedreiro, grande numero de granadas e incessantes descargas de mosquetaria. A nossa gente repelliu tres furiosos e successivos assaltos, que os castelhanos deram á brécha com mais de 3:000 homens escolhidos; sendo muito notavel o vantajoso uso da fogueira, que os

(*) Nesta gloriosa campanha o marquez das Minas não só rendeu Valença, como outras praças de Castella, a saber, Coria, Albuquerque, Alcantara, Placencia, e Ciudad Rodrigo, e penetrou á frente das nossas tropas até Madrid, onde fez acclamar rei d'Hespanha a Carlos 3.º aos dois de Julho de 1706.

defensores mantiveram constantemente no pé da mesma brécha, e não menos assombrosa a intrepidez com que subiam acima dos parapeitos para dalli melhor dirigirem o seu fogo e disputarem mais efficazmente a entrada aos assaltantes. Tão brilhante defensão immortalisou o conde da Ribeira, que então governava a praça, assim como os commandantes dos corpos, os officiaes engenheiros e mais individuos, que para ella cooperaram. Vemos portanto em todas as epochas, quer em sitios, quer nas escaladas, quer nas batalhas campaes, realçar o valor e a pericia militar dos portuguezes: bom numero de feitos d'armas temos consignado em nossas paginas, d'entre os que aformoseam nossa historia; mas esta é por tal maneira inesgotavel que á medida que a vamos folheando descobrimos novas e heroicas acções, para apresentar como exemplos e modelos, e como lição grata aos nossos compatriotas.

CARGO DE GUARDA-MÓR.

COMPETIA ao guarda-mór dormir na casa immediata á camara d'elrei, o que se observou até o tempo d'elrei D. Sebastião, em que foi seu guarda-mór D. Diogo da Silveira. Tanto que elrei se deitava na cama antes de se lhe correr a cortina entrava o guarda-mór e via a elrei, e então corria a cortina o sumilher, e ambos sahiam, e o guarda-mór fechava a porta, e se lhe fazia a cama no chão com a cabeceira na porta, e, da sua cama para as ilhargas, affastadas um pouco se seguiam as camas dos fidalgos da guarda que dormiam no paço. Pela manhã quando elrei chamava, entrava o guarda-mór com o sumilher e levantava a cortina, o que era uma antigualha na qual mostrava que lho entregava vivo o camareiro á noite, e o guarda-mór pela manhã como lho entregava da mesma sorte. Assistia o guarda-mór ao vestir d'elrei, entrando, se queria, sem que para isso necessitasse de licença, sem a qual não entravam os fidalgos da guarda, o que se lhe permittia sempre que elrei fazia jornada. O guarda-mór tinha aposento no paço, porem já no tempo d'elrei D. Sebastião os validos começaram a evitar muitas das ceimonias que havia no vestir d'elrei.

SINGULAR CAIXA DE TABACO.

O GENERAL Lafayette na ultima viagem que fez aos Estados-unidos do norte da America trouxe para a Europa uma caixa de tabaco feita de diferentes pedaços, notaveis pelas recordações que suscitam. O corpo da caixa é d'um pedaço d'uma nogueira, que nascera no terreno onde é hoje Philadelphia, e que ainda em 1818 vegetava defronte do salão em que foi proclamada a independencia da republica. A tampa é de quatro peças de madeiras diversas: a saber, uma d'um tronco da ultima arvore silvestre derrubada quando se lançaram os fundamentos áquella cidade, a segunda d'um bocado de pau dos restos da primeira ponte lançada em 1683 sobre o rio Canard, a terceira tirada do celebre olmeiro debaixo do qual Guilherme Penn celebrou o primeiro tratado com os indios, esta arvore cahiu de velhice em 1810; finalmente a quarta peça traz á memoria tempos muito mais antigos, é fragmento da primeira casa levantada por mãos europeas no solo americano, pois que é um bocado d'acajú da habitação construida e occupada em 1496, por Christovão Colombo.

A pag. 56, em o n.º antecedente, na 1.ª col. lin. 17 — em vez de Filippe 2.º, deve lêr-se Philippe 4.º